

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS

MUSICALIZAÇÃO PARA CRIANÇAS DE 2 A 4 ANOS:
UMA REFLEXÃO TEÓRICA BASEADA EM UMA PRÁTICA
PEDAGÓGICA NO DISPENSÁRIO SANTA TEREZINHA DO MENINO
JESUS DA GÁVEA.

LARISSA GORETKIN

RIO DE JANEIRO

2003

MUSICALIZAÇÃO PARA CRIANÇAS DE 2 A 4 ANOS:
UMA REFLEXÃO TEÓRICA BASEADA EM UMA PRÁTICA
PEDAGÓGICA NO DISPENSÁRIO SANTA TEREZINHA DO MENINO
JESUS DA GÁVEA.

por

LARISSA GORETKIN

Monografia apresentada ao Instituto Villa-Lobos da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro para a
obtenção do grau de Licenciado em Educação Artística-
Habilitação em Música, sob a orientação do Professor Dr. José
Nunes Fernandes.

Dedico esta monografia a minha família:
meus queridos pais, meu querido marido e minha querida filha.

Gostaria de agradecer imensamente a todos que me ajudaram nesta pesquisa. Ao meu orientador, que apesar de estar de licença aceitou me orientar e sempre esteve presente, mesmo que virtualmente, para esclarecer qualquer dúvida.

A todos os funcionários e alunos do Dispensário Santa Terezinha, que foram sempre muito atenciosos e carinhosos comigo durante esta pesquisa.

Ao meu marido, que compreendeu com tanto carinho a minha ausência nos fins de semana familiares.

À minha filha, Júlia, que com sua alegria fez com que nascesse em mim o interesse pelo assunto da minha pesquisa.

GORETKIN, Larissa. *Musicalização para crianças de 2 a 4 anos: uma reflexão teórica baseada em uma prática pedagógica no Dispensário Santa Terezinha do Menino Jesus da Gávea*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2003. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação Música)- Instituto Villa-Lobos, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2003.

Resumo

Com esta monografia pretende-se realizar uma reflexão teórica baseada em uma prática pedagógica no Dispensário Santa Terezinha do Menino Jesus da Gávea, com crianças de 2 a 4 anos. Busca-se responder a algumas perguntas como: o que é musicalizar? Por que musicalizar? E, como musicalizar?. Para responder a essa última questão faz-se uma análise da obra de alguns músico-pedagogos como: Dalcroze, Suzuki, Willems, Schafer e Swanwick, buscando quais seriam suas possíveis contribuições para a musicalização das crianças de 2 a 4 anos. Faz-se uma relação da educação musical com outras áreas do conhecimento como a psicologia e a pedagogia. Quanto à primeira faz-se um paralelo com a teoria desenvolvimentista de Jean Piaget; e quanto à segunda faz-se uma análise do Referencial Curricular para a Educação Infantil (1998) complementando-o com The School Music Program. Realiza-se um relato de experiência baseado nas aulas ministradas no Dispensário Santa Terezinha do menino Jesus da Gávea. Mostrando um pequeno histórico da instituição e algumas atividades que foram realizadas em sala de aula.

GORETKIN, Larissa

Musicalização para crianças de 2 a 4 anos: uma reflexão teórica baseada em uma prática pedagógica no Dispensário Santa Terezinha do Menino Jesus da Gávea – Larissa Goretkin- Rio de Janeiro, 2003.

Vii, 48 p.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Instituto Villa-Lobos, 2003.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
CAPÍTULO I: O que é musicalizar?	4
1- Por que? Relevância da musicalização na educação infantil.	
2- Como? Principais teóricos.	
a) Dalcroze	
b) Suzuki	
c) Willems	
d) Schafer	
e) Swanwick	
CAPÍTULO II: O que dizem outras áreas do conhecimento.....	18
1- Psicologia	
2- Pedagogia	
CAPÍTULO III: Relato de experiência no Dispensário Santa Terezinha do menino Jesus da Gávea.....	30
1- Histórico da instituição	
2- Atividades de aula:	
a) Abertura	
b) Desenvolvimento	
c) Fechamento.	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39
ANEXOS.....	42

Introdução

Com esta pesquisa pretende-se realizar uma reflexão sobre a educação musical infantil. Baseia-se numa experiência pedagógica no Dispensário Santa Terezinha do Menino Jesus da Gávea, mais conhecido como Creche Santa Terezinha, na cidade do Rio de Janeiro, na qual leciono música para crianças de 1 a 12 anos nas turmas de Berçário à 4ª Série do Ensino Fundamental. Para este trabalho fez-se um recorte que inclui as turmas de Maternal I e Maternal II, nas quais as crianças têm, em média, entre 2 e 4 anos. Há também uma busca por um embasamento teórico que justifique a musicalização tendo início o mais cedo possível além de oferecer um norteamento no que se refere a objetivos e conteúdos, possibilitando um enriquecimento da prática educativa.

A escolha dessa faixa etária deveu-se a motivos variados, porém todos interligados e muito práticos. Ao me deparar com o período de estágio do meu curso de Licenciatura em Educação Musical, na Uni-Rio, optei pela faixa etária das crianças mais novas, muito provavelmente pelo recente nascimento da minha filha, Júlia, que me fez voltar o olhar com muitíssimo interesse para essa primeira infância, na qual todos os processos de desenvolvimento e aprendizagem se dão numa velocidade vertiginosa, como nunca mais serão em toda a nossa história de vida. Chamada pelas neurociências de neuroplasticidade, que é capacidade de formação de conexões nervosas básicas para o aprendizado. Entendendo conexões nervosas em épocas precoces como amadurecimento neuropsicomotor (Lent, 2002).

Outra razão, talvez a principal, seja a dificuldade de encontrar material didático voltado para esta fase. O que me faz usar de todo o meu conhecimento adquirido nos meus anos de graduação, minha experiência, seja como professora, aluna, ou mãe, e fundamentalmente de toda a minha criatividade para adaptar os recursos encontrados não apenas na educação musical, mas também em outras áreas, como na psicologia, pedagogia, psicomotricidade e musicoterapia, no que se refere às crianças de até 5 anos.

A pré-escola no Brasil não é obrigatória por lei, as crianças só devem estar na sala de aula nas classes de alfabetização. Mas devido ao que ocorre na realidade brasileira, onde pai e mãe são obrigados a trabalhar para manter o sustento da família, acontece muitas vezes das crianças entrarem em creches muito cedo, afinal a licença maternidade (para quem tem a sorte de estar empregada) finda aos 4 meses de nascida a criança.

Sendo assim a educação das crianças está na maioria das vezes delegada a alguma instituição de ensino, onde as professoras são na maioria das vezes egressas do curso normal. Cabe perguntar como é a orientação no que se refere à música nesse curso, afinal a música está presente em sala de aula diariamente, seja como música de comando ou como fundo sonoro de alguma brincadeira.

Observa-se uma deficiência grave na formação dos profissionais que trabalham com essas crianças. Pois mesmo quem trabalha com educação pode ser um alienado, transmitindo sem refletir, nem transformar a realidade à qual se defronta. Neste caso a realidade musical, onde temos um mercado, o qual não parece ter uma preocupação muito grande em vender qualidade, muito menos diversidade, acabando por formar pessoas repetidoras das idéias alheias, acríicas, pouco criativas, e com um repertório musical limitado. Além de estar muitas vezes sujeito a estrangeirismos, sem ao menos ter consciência do fato.

Outra questão importante é que as crianças aprendem por imitação, se seu exemplo de uso de voz for incorreto pode vir a acarretar problemas vocais na criança, pois ela aprende não apenas a cantar a letra e a melodia da canção, mas também aprende a cantá-la da mesma forma que o professor. Se este usa a voz de forma inadequada, a criança também o fará, isso sem contar com a questão da afinação, que é um outro problema pois a criança estará aprendendo a cantar de forma desafinada (Sobreira, 2002, p.88).

Quanto ao folclore, há também um problema sério a ser encarado, que é o fato dele estar sendo “engolido” nas grandes cidades pelos meios de comunicação de massa.

Há inúmeras perguntas que surgem no desenvolvimento desta pesquisa, sendo algumas delas: quando se dá o início da musicalização? A musicalização é um processo que ocorre naturalmente? Ela independe da nossa vontade? Ela dispensa o educador? Até que ponto é possível uma musicalização sem orientação pedagógica de alguém especializado? Como musicalizar? Deve-se musicalizar a todas as crianças independente do talento? Qual é a relevância da musicalização? O que dizem os estudiosos? O que é musicalizar, qual são os objetivos e significados desse processo? Como se define atualmente a educação musical?

CAPÍTULO 1: O que é musicalizar?

Com este primeiro capítulo pretende-se definir o que é o processo de musicalização, mostrar sua relevância na educação infantil e apontar soluções encontradas por alguns teóricos que tiveram significativa influência na maneira como a educação musical é entendida e exercida hoje.

Violeta Hensky Gainza, ao se referir à educação musical, define musicalização como sendo o processo de “tornar um indivíduo sensível e receptivo ao fenômeno sonoro, promovendo nele, ao mesmo tempo, respostas de índole musical” (1998, p. 101). Como objetivo da educação musical aponta que: “corresponde, pois, à educação musical, instrumentalizar com eficácia os processos espontâneos e naturais necessários para que a relação homem-música se estabeleça de uma maneira direta e efetiva” (1998, p. 101).

A mesma autora mostra também que através da educação musical obtêm-se respostas de índoles variadas:

Assim, partindo de uma mobilização primária – movimento como sinônimo de vida, de crescimento - tender-se-á a promover respostas diversas – e não apenas de índole musical e sonora -, posto que nisso consiste a função educativa da música. Mais tarde, tratar-se-á de incentivar o interesse de modo que desemboque naturalmente na apreciação, no gosto e no conhecimento da música e das estruturas inerentes a ela, mantendo, a todo momento, a maior espontaneidade na apresentação de experiências e materiais musicais. (Gainza, 1988, p. 102)

Temmerman (1991) mostra que há duas tendências no que se refere ao embasamento filosófico presente nos currículos e programas de educação musical. Essas duas correntes estariam presentes historicamente desde a Grécia Antiga, a Índia e a China. (apud Fernandes, 1993).

Segundo Temmerman (1991), as tendências seriam intrínsecas ou extrínsecas:

I. “Filosofia intrínseca da educação musical”: se refere à educação musical como educação estética e está baseada na promoção da música por ela mesma, não requerendo justificativa externa, ou seja, os valores da educação musical estão contidos no valor da própria música. Esta filosofia ‘inclui a completa imersão na música, suas combinações sonoras, forma e desenvolvimento’, tratando da função única da música, ‘como um significante modo simbólico disponível aos indivíduos, para se expressarem simbolicamente, o que não pode ser representado pela linguagem verbal’.

II. 'Filosofia extrínseca da educação musical': é referida pela literatura como utilitária e funcional, referencial ou social e está fundamentada na promoção da música na educação com fins não musicais, ou seja baseando-se na justificativa de inclusão da música na educação por valores instrumentais e não estéticos. Temmerman (1991) mostra que a literatura aponta para cinco funções utilitárias da música: (1) desenvolvimento emocional; (2) a universalidade da música como um meio para comunicação social; (3) intenção moral e promoção de direção moral para a conduta diária; (4) valor disciplinar e (5) valor espiritual (Temmerman apud Fernandes, 1999, p. 5).

Fernandes (1999) aponta também algumas outras finalidades não-musicais como :

(1) desenvolvimento físico e a coordenação através de movimentos e da excussão de instrumentos; (2) tempo de lazer e recreação; (3) uso das habilidades musicais para melhorar o ambiente escolar e fazê-lo mais prazeroso; (4) capacidade da música de ter contato com prática culturais (passado e presente) e adquirir entendimento e tolerância com outros povos e suas culturas e (5) valor da música na sociedade tecnológica atual, a vida corrida, o estresse, e a necessidade de relaxamento (p.5).

No atual documento de orientação para professores no que se refere à pré-escola, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil –RECNEI- (Brasil/ Secretaria de Ensino Fundamental, 1998) não aparece precisamente uma definição de musicalização, mas na introdução do capítulo intitulado Música há uma definição do que seria a música:

A música é a linguagem que se traduz em formas e sons capazes de comunicar e expressar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo de som e silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas e políticas, etc. faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga, era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos ao lado da matemática e da filosofia.

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só, já justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente (Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*, 1998, p.45).

A definição de musicalização está profundamente ligada ao que é música, nesta pesquisa não nos aprofundaremos nessa questão. Tomaremos como referência a definição do RECNEI que aparece acima, ou seja: a música será considerada como linguagem e será tudo aquilo que represente uma relação expressiva entre som e silêncio.

1- Por quê? Relevância da musicalização na educação infantil.

Para se responder a essa pergunta há praticamente tantas respostas quanto autores que se propuseram a respondê-la. Os motivos citados que justificam a educação musical vão desde tranquilizar as crianças, que seria um motivo extra-musical, mas freqüentemente encontrado no discurso de professoras de educação infantil, de facilitador do processo de aprendizagem de outras matérias diferentes de música, de estímulo sensório-motor, até a fruição estética.

Vários tipos de música fazem parte do meio ambiente de cada um de nós. No mundo de hoje em que rádio, televisão e outros meios de comunicação de massa ocupam um lugar de proeminência em nossa vida cultural, a música desempenha um papel decisivo na educação da criança. Pois, o treino musical, da mesma forma como o esporte, desenvolve e aperfeiçoa as faculdades de percepção, de comunicação (contato inter-humano), concentração (autodisciplina), a faculdade de trabalhar em equipe, reduz medo e inibições causados por preconceitos e idéias preconcebidas, desenvolve o senso crítico, a sensibilidade por valores autênticos e estimula a criatividade. Enfim: a música, como o esporte, é um meio eficaz para o desenvolvimento da consciência do jovem, no sentido de uma faculdade que relaciona tudo com tudo, analisa, discerne, diferencia, avalia e integra (Koellreutter apud Alfaia, 1987, p. 7).

A música está presente diariamente nas salas de aula das pré-escolas, a questão não é propriamente se as crianças cantam e ouvem música ou não. O que se coloca em debate é o que se ouve e se canta, como isso acontece, e quais são os objetivos dessa música na escola. O que se percebe e se aponta é que na maioria dos casos a música é apenas usada como um recurso para intenções que nada tem a ver com a música em si. E que no que se refere à escolha do repertório, observa-se uma extrema inclinação a apresentar para as crianças apenas o que está na moda, o último lançamento da banda mais famosa, ou então discos infantis que não apresentam nenhum compromisso com a qualidade, nem com a riqueza da música brasileira, nem muito menos com temas que sejam relevantes na educação global da criança.

As professoras primárias freqüentemente não apresentam uma formação sólida no que se refere à música. É comum encontrar em seu discurso a justificativa para o uso da música em sala de aula como uma maneira de dar ordens de forma mais palatável para as crianças, afinal a intenção passa camuflada. A audição é muitas vezes realizada como forma de manter as crianças em silêncio, mas não com um caráter de explorar os elementos de forma e conteúdo

da música (Fuks, 1991). Não parece haver nenhuma intenção em musicalizar, nem mesmo as professoras responsáveis pelas crianças nas creches e jardins de infância parecem saber exatamente o que é isso, quais seriam seus objetivos e benefícios. A música é vista apenas como instrumento para fins alheios a ela.

Os benefícios de se iniciar o processo de musicalização o mais cedo possível são enormes. A criança na faixa etária entre os 2 e os 4 anos está em um processo de aprendizagem extremamente acelerado, como provavelmente não ocorrerá em nenhuma outra idade. Outro motivo é que a criança mais nova é extremamente interessada no fenômeno sonoro e parece estar disposta a encarar qualquer discurso sonoro como passível de ser um discurso musical. Ela gosta do ato de simplesmente ouvir, isso ainda não perdeu o valor pelo fato de que ouvimos todos os dias de nossa vida, o dia inteiro. Ela se diverte com sons inusitados, percebe repetições do ambiente sonoro, enfim está pronta para começar a receber um encaminhamento orientado para a música e o “mundo dos sons”.

Quanto ao momento em que se dá o início da musicalização há muitas teorias: há os que acreditam que a musicalização pode ter início ainda na vida intra-uterina. Suzuki, que desenvolveu um método de musicalização em massa no Japão, apresenta excelentes resultados em suas aplicações em todo o mundo, dando início à musicalização da criança ainda no útero. A mãe seria a responsável pela escolha de uma música que acompanharia seu filho durante os primeiros anos de sua musicalização. A criança teria grande familiaridade com essa música, além de que a remeteria a segurança e ao prazer de sua vida intra-uterina.

Ostwald, (1997) em seu trabalho “Music in the Organization of Childhood Experience and Emotion” mostra que, do ponto de vista fisiológico, pelo fato do córtex e do cerebelo estarem mais ativos que as áreas visuais em bebês, é possível reforçar as crenças do autor de que o desenvolvimento musical tem início antes mesmo do nascimento.

Ainda segundo Ostwald (1997), há estudos científicos mostrando que o feto de aproximadamente cinco meses, teria ao menos condições fisiológicas para captar os sons produzidos fora do ventre materno, que chegariam ao interior da bolsa amniótica com pouca atenuação assim como a voz da mãe, sua deglutição, respiração, batimentos cardíacos e sons intestinais. Pois seu ouvido médio e interno, já apresentam o tamanho do de um adulto. Quanto ao que seria o cérebro capaz de fazer com esses estímulos captados pelo ouvido o autor afirma que a percepção de nuances acústicas é construída no cérebro durante o desenvolvimento embrionário. A capacidade de produzir certos sons com características musicais seria inata, estando estes intimamente ligados às sensações primárias de dor e prazer.

Mas ao se perguntar para qualquer mãe se seu filho tinha reações diferentes ao ouvir determinados sons, a resposta é unânime. A criança no útero reage ao som da voz da mãe, do pai, de música, enfim a ciência ainda não tem provas de que isso aconteça, mas se são válidos os depoimentos das mães, em cuja lista incluo-me a criança sim percebe e reage a diferentes estímulos sonoros, mesmo antes de nascer.

Quanto aos bebês recém nascidos, segundo Biaggio (1985, p.127), durante muito tempo acreditou-se que estes não seriam capazes de ouvir nem ver com clareza, era como se o bebê estivesse imerso em um mundo de vultos e sem som. Em experimentos realizados com bebês de dias, como o de Bridger em 1961, media-se o ritmo cardíaco, mostrando que os bebês reagem a mudanças de frequência dos sons (Biaggio, 1985, p.127).

Quanto ao momento em que se dá o início da musicalização no RECNEI (Brasil/ Secretaria de Educação Fundamental/, 1998) afirma-se que o processo de musicalização é iniciado de forma intuitiva nas crianças que estão em constante contato com a música em várias situações do seu dia-a-dia.

Adultos cantam melodias curtas, cantigas de ninar, fazem brincadeiras cantadas, com rimas, parlendas, etc., reconhecendo o fascínio que tais jogos exercem. Encantados com o que ouvem os bebês tentam imitar e responder, criando momentos significativos no desenvolvimento afetivo e cognitivo, responsáveis pela criação de vínculos tanto com os adultos quanto com a música. Nas interações que se estabelecem, eles constroem um repertório

que lhes permite iniciar uma forma de comunicação por meio de sons (Brasil/ Secretaria de Educação Fundamental/ 1998, p.52).

Com essa afirmação, os autores parecem estar transferindo o papel do musicalizador para os adultos que cercam a criança, e que com sua atitude cotidiana de usar a música como brincadeira ou em outras situações, como rituais religiosos, o adulto estaria promovendo a musicalização da criança. O que não vem garantir a qualidade desse processo. Além disso, mais adiante ainda no mesmo capítulo “A Criança e a Música” afirma-se que:

Diferenças individuais e grupais acontecem, fazendo que, aos três anos, por exemplo, integrantes de comunidades musicais ou crianças cujos pais toquem instrumentos possam apresentar um desenvolvimento e controle rítmico diferente das outras crianças, demonstrando que o contato sistemático com a música amplia o conhecimento e as realizações musicais (Brasil/ Secretaria de Educação Fundamental/ 1998, p.52).

Essa idéia parece um tanto quanto contraditória no que diz respeito ao princípio igualitário da educação, de que todos tenham a mesma oportunidade de ter acesso à informação, pois se as diferenças individuais aparecem por haver crianças que convivem mais assiduamente com a música, por que não permitir essa presença qualitativa da música em sala de aula para todos.

Segundo Barros (1988, internet):

A educação artística vem sofrendo algumas modificações em função das necessidades e da orientação político-social vigente.. Outrora era formar as futuras platéias, depois passou-se a preconizar o ensino de determinadas técnicas e, atualmente ela visa ao homem, valorizando formas de ser que lhe são inatas. Ela deixou de ser uma educação estética para transformar-se numa educação para o gozo de uma vida plena. A educação pela arte visa basicamente ao homem, e não à arte.

Dentro dessa nova visão, podemos estabelecer 3 metas como diretrizes básicas:

- 1) Estimular a criatividade do aluno;
- 2) Estimular a prática da reflexão;
- 3) Estimular a percepção e conhecimento do seu mundo, de sua cultura.

2- Como? Principais teóricos.

Este subitem pretende mostrar algumas das muitas respostas encontradas da pergunta:

Todos os métodos ou linhas de pensamento abordados a seguir fazem parte dos chamados métodos ativos de educação, por exigirem uma participação efetiva do aluno, partindo de uma vivência para depois se chegar ao conhecimento teórico.

Esse tipo de ação pedagógica do educando no processo de aprendizagem já encontrava defensores a princípios do século XX, em educadores como Dewey, Montessori e Delcroli, que reforçavam a idéia de que ensino devia ser estruturado em termos das necessidades da criança, de sua natureza (Gainza, 1999). Acrescenta-se a esse grupo de musicalizadores pesquisas de músico-pedagogos mais recentes como Schafer e Swanwick, considerados por Gainza (1999) como pertencentes à “segunda época da educação musical”.

É evidente que a este capítulo poderiam somar-se inúmeros outros nomes, inclusive autores brasileiros que buscaram e buscam uma resposta à questão de como realizar esse trabalho de educação musical com crianças em idade pré-escolar, mas por uma questão de limites da pesquisa e de relação à faixa etária em questão, a escolha foi pelos representantes que se seguem.

a) Dalcroze

Emilie Jacques Dalcroze, nascido na Suíça em 1865, foi pioneiro no desenvolvimento de uma educação musical ativa, criando um método de musicalização conhecido como Rítmica, linguagem corporal dos ritmos musicais. O método tem como “objetivo a realização expressiva do ritmo e a sua vivência através do movimento corporal” (Paz, 2000, p. 259). Neste processo o ritmo é concebido como fator de organização dos elementos musicais. Segundo Penna (1990, p. 62), Dalcroze “indicou a vivência dos elementos rítmicos como um valioso meio pedagógico de estimular e conscientizar a experiência musical”.

Aranoff mostra a relação existente entre o movimento e a expressão musical. “A relação tempo-espaço-energia do movimento físico tem sua contrapartida na expressão

musical, na qual o pensamento e o sentimento estão vinculados de maneira inextrincável” (Aranoff apud Penna, 1990, p. 62).

Assim sendo, este método toma como elemento fundamental de trabalho a representação de sons em movimentos corporais, considerando que compreendemos a música a partir da maneira como é percebida corporalmente.

Foi através da observação de seus alunos quando era professor de Harmonia do Conservatório de Música de Genebra que Dalcroze observou que estes, muitas vezes, realizavam a música de forma mecânica, em contrapartida percebeu com quanta naturalidade as crianças realizavam certas atividades em suas brincadeiras e atividades diárias, como saltitar, caminhar, correr, etc. Essas observações o levaram a algumas conclusões criando em 1903 a Euritmia, que pretende proporcionar a compreensão do ritmo através da expressão deste em movimentos do corpo.

No que se refere à aplicação do método Dalcroze na musicalização de crianças na idade entre 2 e 4 anos, o que se tem observado é que as crianças apreciam muito os trabalhos os quais se usa o corpo todo, não apenas a voz ao cantar, inclusive percebe-se com crianças mais novas que a memorização do movimento muitas vezes precede a memorização da melodia ou da letra da música. Além de que as crianças compreendem muito melhor os conceitos musicais depois de experimentá-los com seu próprio corpo.

b) Suzuki

Shinichi Suzuki, nascido em Nagoya, Japão, é filho do fundador da grande fábrica de violinos Suzuki. Completou seus estudos de violino em Tóquio e foi estudar em Berlim. Em 1928 volta para o Japão para dar concertos e para lecionar, é nesse momento que ele descobre a grande capacidade de aprendizagem das crianças pequenas e inaugura seu famoso Instituto de Pesquisa da educação do Talento.

Seu grande *insight* ocorreu a partir da percepção de que “na verdade todas as crianças do mundo falam a sua língua materna com a maior fluidez” (Suzuki, 1994, p.11), e que isso seria prova de impressionante talento. Essa afirmação parecia ser tão lógica que não parecia ter importância, mas é justamente ao depararmos com o óbvio, e o encaramos com profundidade é que nascem as grandes idéias. A pergunta que se sucedeu foi: “se elas falam tão fácil e fluentemente o japonês deve haver algum segredo no seu aprendizado” (Suzuki, 1994, p.11). A resposta a essa questão foi a descoberta de que as crianças aprendem a falar sua língua por um método perfeito: o da língua materna. E que tal método também poderia ser empregado para desenvolver outros talentos.

O fato de todas as crianças falarem sua língua materna com tanta fluidez mostrou-lhe que “toda criança pode alcançar altas capacidades se for exposta a um método educacional adequado” (Suzuki, 1994, p.11) Essa afirmação no que se refere a esta pesquisa vem reforçar a necessidade de que toda criança tenha a oportunidade de ter acesso a uma educação musical, independente de se considerar que ela tenha talento ou não. Sobre a questão do talento, Suzuki afirma que não há criança pouco dotada, o que há sim são métodos de ensino ineficientes, logo, toda e qualquer criança se receber uma educação adequada será capaz de se tornar um ser humano superior. O talento se desenvolve com educação e, assim como outras habilidades, não é hereditário.

Seu método usa o instrumento para musicalizar, sendo que o método por ele desenvolvido inicialmente era para o violino, mas foi também adaptado para outros instrumentos. É principalmente através da familiarização com o repertório e da repetição que a criança desenvolve capacidades de tocar seu instrumento. De forma lúdica e natural, desde muito cedo, essas crianças expostas ao método Suzuki aprendem a lidar facilmente com certas dificuldades que muitas vezes depois de uma certa idade parecem ser mais difíceis de resolver, como questões relacionadas à digitação e à facilidade de memorização.

Quanto à questão da idade, “todas as crianças que são educadas com perícia e compreensão atingem um alto grau de conhecimento, mas essa educação deve começar no dia do nascimento. Aqui está, na minha opinião, a chave do desenvolvimento integral das potencialidades humanas” (Suzuki, 1994; p.11).

c) Willems

O método desenvolvido por Edgard Willems (nascido na Bélgica em 1890), baseia-se principalmente no uso da canção. Esta é revestida de grandes cuidados, desde a postura física, a qualidade dos movimentos corporais até a qualidade da emissão ligada à afinação. Seu método requer materiais auditivos variados, principalmente instrumentos de percussão, tanto de altura determinada, como indeterminada além de um quadro com pauta de 11 linhas.

Willems tem também uma grande preocupação com a filosofia e sociologia da música e sua educação. Tendo também artigos publicados sobre Musicoterapia.

Faz uma associação muito interessante entre o ritmo e a vida física; a melodia e a vida afetiva; e a harmonia e a vida mental.

Sobre o momento do início da musicalização, Willems (1976) se refere a alunos a partir de 3 anos, em pequenos grupos de no máximo 5 crianças. E percebe também que cantar é uma ação muito natural na criança, que ela pode aprender a cantar antes mesmo de saber falar. E que o exemplo sonoro que a criança vai receber será imitado, ou seja é de suma importância a qualidade vocal do professor de música. O autor afirma que o professor pode até ter uma voz pequena, mas deve se afinada e não mostrar esforço ao cantar, pois esse esforço será imitado pelas crianças. As crianças por aprenderem por imitação precisam de um bom exemplo de uso da voz, pois não é raro que crianças que não apresentem nenhum motivo para ser afônicas ou roucas o sejam por assim ser seu exemplo de uso da voz, do adulto com quem a criança convive mais, sejam seus pais ou professores.

Willems insiste bastante sobre a importância dos cantos na educação musical e considera os mesmos como um ponto de partida, e assim nos diz: 'O canto desempenha o papel mais importante na educação musical dos principiantes; agrupa de maneira sintética - ao redor da melodia - o ritmo e a harmonia - é o melhor meio para desenvolver a audição interior, chave de toda verdadeira musicalidade. É necessário que todas as crianças aprendam as canções populares nascidas do gênio de sua raça; canções onde a beleza e o gosto musical devem antepor-se às preocupações pedagógicas. O educador se encarregará mais tarde de fazer uma seleção atinada e de insistir especialmente nas canções populares interessantes desde o ponto de visto do ritmo, dos intervalos, dos acordes ou dos modos'. (Barros, 1988)

No que se refere à prática adotada com as crianças de 2 a 4 anos, tem-se como eixo central das aulas o uso de canções, mantendo uma constante preocupação com a qualidade vocal, com o conteúdo e com o entendimento do que se canta.

d) Schafer

Murray Schafer, compositor canadense, não desenvolveu propriamente um método de musicalização, mas através das suas reflexões podemos inserir novos conceitos na educação musical, como: a questão do ambiente sonoro, do ruído, do silêncio absoluto e relativo, de escultura sonora, além de um constante questionamento sobre o que é ou não música. Enfim, é como se suas pesquisas tivessem conseguido "tirar a poeira" do que vinha sendo realizado já há mais de um século, trazendo para a educação musical questões inerentes à música e à arte contemporânea. Atualizando a questão da música e da educação musical, tirando-a da sala de aula e colocando-a como parte do nosso dia-a-dia.

O tema que nos preocupa é o som, e o dever consiste em sugerir alguns caminhos que possam nos ajudar a ouvir com mais eficiência. Como músico tenho as minhas próprias razões para almejar que isto aconteça; mas o ouvir é importante em todas as expressões educativas, em qualquer circunstância em que troquem mensagens verbais ou auditivas [...] Eu denomino Soundscape (paisagem sonora) ao entorno acústico e com este termo me refiro ao campo sonoro total, em qualquer lugar que nos encontremos [...] Atualmente a paisagem sonora está mudando em todos os lugares do mundo, os sons estão se multiplicando mais rapidamente que as pessoas a medida que vamos rodeando com mais aparelhos de luxo e aparelhos mecânicos [...] Meus alunos reagiram com indiferença 'o mundo é barulhento', diziam, 'O que se espera da nós frente a isso?'. De fato, a paisagem sonora moderna estimulou o apetite por ruído [...] Considero que a maneira de melhorar a paisagem sonora mundial é bastante simples. Temos que aprender a ouvir. É como se se tratasse de um hábito que esquecemos. Devemos sensibilizar o ouvido ao milagroso mundo sonoro que nos cerca (Schafer, 1992, p.9)

Sua proposta é voltada para toda e qualquer pessoa, independente de talento, classe social ou faixa etária. Sua atenção foca as coisas consideradas mais corriqueiras, os sons que